



## Saltimbancos

**Marcus André Vieira**

Sr. presidente da AMP,  
Sr. Diretora da EBP e demais membros da diretoria,  
Colegas do Conselho, Conselheiros e diretoras das Seções,  
Queridos colegas, de tiro cadê tá falando tá escrevendo eu sei gente é maravilhoso

### Resumo

Discurso de apresentação na assembleia geral da Escola da Orientação Lacaniana de Buenos Aires por ocasião do desempenho das funções de diretor-geral da Escola Brasileira de Psicanálise.

\*

Assumo esta função, afora a vertigem, com sentimento de honra e responsabilidade. Estou no Conselho agora há dois anos, fui diretor da EBP, antes já tinha sido diretor da Seção Rio e Conselheiro dela, e lhes digo que não me sinto, mesmo com essa folha corrida de funções e serviços prestados, em nada grande conhecedor de nossa instituição (se à sua forma institucional, reservamos apenas o que tem força, a de um movimento vivo). Sei que conheço muitos, gosto de muitos, aprendi com muitos, muito. Minha formação foi e é feita inteiramente neste movimento que chamamos orientação lacaniana. Quanto a este ponto sim, envolvendo análise pessoal, episteme e política, talvez algum *savoir y faire* possa ter se transmitido para mim. Por isso, quero aproveitar esta ocasião para lhes propor algumas idéias para este ano de trabalho. Tudo o que segue é fruto das discussões no Conselho com os colegas com quem tive o prazer de trabalhar, por isso retomarei algo do que Ana Lydia já avançou.

\*

Quero lembrar, para começar, que na AMP, a EBP tem um perfil único: Ela não é gigante e centralizada como a EOL e a ECF; Não é translinguística e transnacional como a NEL ou a galáxia da FEOP; nem inclui divisões históricas nítidas, extra-institucionais, como aquelas entre o sul e o norte da Itália, ou Catalunha e Madrid.

No entanto, ela é continental e plural. Não tem sede, mas quatro (mais duas) Seções, quatro Delegações, três delegações na Delegação Geral, enormes distâncias, enormes diferenças, inclusive no modo de presença no discurso analítico. Por isso mesmo, manter e dar vida ao que lhe dá unidade, sempre foi um cuidado essencial. Na lista dos Unos da EBP, Opção Lacaniana e Correio, o Encontro Brasileiro e seu site têm lugar de destaque.

Explica-se porque, dentre as Escolas da AMP a EBP seja talvez a única cujo Conselho este ano, optou por manter seu congresso restrito aos membros. É que o maior Uno da EBP, a meu ver são seus membros. Com relação ao enorme contingente que mobilizamos somos poucos. Arrisco um palpite: Nossa comunidade de interesse deve andar na casa dos dois mil e quinhentos. Veredas, por exemplo, está chegando aos mil inscritos. Se somos hoje apenas 185 isso não se deve a questões geográficas ou relativas ao modo de implantação da psicanálise no Brasil, mas porque, pela própria história da EBP, nossa orientação e a da AMP tem sido de nos mantermos, membros da Escola, relativamente poucos. Por alguma razão essa foi a melhor forma de desafiar a dispersão e os bairrismos: com um núcleo coeso, de desejo decidido e por isso mesmo itinerante. Estes quase duzentos que se encontram regularmente têm em comum não apenas uma mesma orientação, mas um modo comum de aposta em uma forma institucional própria tanto no plano internacional quanto nacional.

A EBP, no que concerne a seus membros, sustenta-se por obra de uma pequena população de viajantes obstinados. Se essa população é seu centro, então ela não é um ser, mas um movimento. A prova é que sua AG se faz aqui e não no Brasil.

Filhote cadê

\*

Se um movimento é o que caracteriza nossa Escola, fica claro que este movimento contínuo dificulta a lógica dos grupos, das pirâmides e das hierarquias por antiguidade. Fazer carreira, por exemplo, só vale se há algum ápice a alcançar. Não é nosso caso, somos mais como os saltimbancos que nem bem acabam de vender amendoim, colocam a roupa do protagonista e depois ainda vão varrer o palco.

A carreira não prima, estar ou não, sim. Incluir-se, criar seu lugar. Porque se cada um de nós não o fizer, esse movimento cessa.

Isso posto a EBP não é apenas seus membros. A Escola é também suas Seções e Delegações das quais nós também fazemos parte. As Seções, porém, são verdadeiras instituições. Têm grupos estáveis, são feitas para durar. O coletivo dos membros é mais ágil, está mais no clima da Escola Una.

Sobre o funcionamento de nossas instituições, isso sim, aprendi muito nestes tempos em instâncias. Creio, hoje, que as Seções precisam daqueles que visam uma participação apenas local, mas não a EBP como um todo. É o que explica o longo trabalho do Conselho da EBP em articulação com a AMP no sentido de interromper as admissões como "Aderente" e mais recentemente, como "Correspondente".

A lógica da ascensão por etapas, sofreu um sério golpe quando foram encerradas as entradas como aderentes. O Conselho tem mantido a mesma orientação, considerando os correspondentes como uma necessidade local e não nacional. Propusemos aos Conselhos das Seções que sigam os estatutos da Escola e tomem os correspondentes como uma situação sujeita a renovação anual. Nada impede que novas formas de participação sejam inventadas pelas Seções e Institutos, mas para estar no coletivo dos membros da EBP e da AMP não é preciso ter passado por este ou aquele status prévio. É preciso sobretudo ter conseguido um lugar no movimento da Escola e não apenas nas vizinhanças de seu local de trabalho.

\*

A admissão, portanto, é feita um por um, com um cuidado enorme. O Conselho privilegia o que tem enfatizado como a relação do candidato com o inconsciente em vez de critérios geo-políticos. Pesar pessoas, equilibrar as demandas na balança das admissões nunca foi o essencial, mas sim saber, sobretudo, a relação do postulante com a psicanálise, sua capacidade de trabalho e de tomar posição e sustentar uma enunciação própria no Campo Freudiano (não apenas no campo da psicanálise na saúde mental ou na universidade). O Conselho, sobretudo, quer saber de que modo ele vincula sua análise e esta posição. Porquê essa demanda agora?

Ouçoo reações às respostas do Conselho às vezes no estilo: "Oh a Escola", ela não me quer, ora, o Outro Escola não é tão consistente. Outros consideram que "membro da escola" seria uma garantia quanto a sua prática e formação e que ser membro da escola seria ter finalmente assegurado seu "ser" de analista. Por isso é preciso que em análise algo dessa fantasia com relação à sua formação esteja um tanto esvaziado. Espero que possamos realizar uma verdadeira conversação com os Conselhos das Seções, para que estas noções possam ser debatidas e transmitidas. No mesmo sentido, devemos encaminhar em breve um documento a todos os presidentes contendo estas orientações como citado por Ans Lydia.

Se insisto nestes elementos da vida da Escola e de seu caráter de movimento e de delicada interface entre o conjunto das Seções é porque temos muito o que fazer como coletivo. Somos chamados, mais que nunca e tomarmos pé do que nos constitui como força política e a fazê-la valer na cidade.

\*

Nossos dias fazem crer em um acesso direto ao real. Os dicionários de sonhos há muito foram substituídos pelos dicionários de sintomas (o *DSM*, por exemplo). Hoje somos expostos a uma chuva de S1s designadores rígidos, cifras de gozo: bulímicos, *aspergers*, mulheres-que-amam-demais etc.

É como se pudéssemos dispensar a leitura, a travessia das significações particulares de uma vida, por exemplo e chegássemos diretamente no que esta leitura decanta, um ciframento (nesse caso) estático do essencial. O mestre contemporâneo não lê, contabiliza suas cifras. Ao leitor, em lugar do encantamento

pelo significante, só resta a partilha entre aceitar ou rejeitar o ciframento da vez: “gosto, não gosto”, “sou, não sou”.

Após o último curso da orientação lacaniana, não podemos mais não levar em conta, além do desejo, como fugidio, do sujeito, que sempre escapa, e do gozo da repetição, do objeto que sempre se apresenta no mesmo lugar, um "terceiro" real, que Miller chamou de reiteração de uma satisfação ancorada apenas no ponto em que o significante incidiu sobre o corpo, letra, cifra de gozo, destacada por Elisa há pouco. Essa reiteração se faz também a partir de uma cifra. Só que outra cifra, digamos espontânea e singular do gozo que escreve como a relação não existe, escreve o fracasso, para aquele sujeito e como é a partir disso que ele faz laço. É ex-tima. A psicanálise propõe chegar a ela atravessando uma rede de significantes-mestres que se lê e que nesta leitura, constitui uma cristalização. Nos termos de Lacan, o gozo é colhido em uma rede de escrita.

Se isso é verdade, é preciso mostrar em cada lugar que a psicanálise tem um modo próprio de dar lugar a uma satisfação e a S1s muito especiais e que nós temos um coletivo impressionante que aposta nisso, que é verdadeira força política.

1.

É isso a ação lacaniana, hoje. Ela é possível a partir do que nos oferece o mestre contemporâneo? Nada resta, nada se estabiliza, tudo passa interminavelmente, como a tripinha do feed de notícias do facebook. Quando o Facebook for, "the facebook is on the table", quando ele for uma rede de escrita, talvez nos encontremos melhor nele. Afinal, queremos saber todos, eles e nós, como encontrar a cifra que estabiliza. Parafrazeando Borges, não queremos saber quantas vezes a lua passa na janela, mas das janelas de que podemos dispor para vê-la. Por isso, devemos apostar, juntamente com as redes sociais, em um Blog da orientação lacaniana no Brasil, que seja constituído em articulação com o site do *Lacan Quotidien*. Houve um tempo em que acreditamos que a ação lacaniana deveria ser vivida saindo-se da situação analítica, e de dois modos: um a um nos hospitais, escolas e prisões, por um lado, e criando nossas próprias instituições, por outro.

Estamos mais alertas para não perder o norte da experiência de uma análise. O passe se mantém como horizonte. Ele nos ensina não apenas a obter a diferença absoluta e a estabilizá-la em uma rede de escrita a partir da transferência, como, sem esquecer de modular nossa política da enunciação (afinal estamos muitas vezes bem distante da situação analítica) a poder sustentar uma aposta análoga na psicose e até mesmo no autismo.

2.

Tomamos parte desta grande rede que é a AMP que sustenta a especificidade da psicanálise, e que reúne, textos, casos, provas, demonstrações neste sentido. No entanto, tomamos, os brasileiros, relativamente pouco a palavra. Como estar no movimento internacional e ao mesmo tempo imprimir seu ritmo especificamente brasileiro? Por que participamos pouco? Certamente é uma questão de língua, mas não apenas. Precisamos encontrar a boa articulação entre dois espaços: por um lado, a vasta comunidade da AMP e, por outro, nossos interlocutores, nem sempre freqüentadores do discurso analítico nas mais variadas situações da cidade em que somos chamados a agir. De fato, são os psicanalistas lacanianos e muito especialmente os da orientação lacaniana que sustentam, por exemplo, a clínica no campo da saúde mental, mas a EBP não é reconhecida como como interlocutor institucional. Por quê? O Brasil precisa saber que há alternativas ao único do mercado e do empreendedorismo.

É preciso articular nosso site ao site do Lacan cotidiano. É uma ideia de Ana Lydia, criar um espaço no nosso site que veicule a discussão mais viva. Um corpus de textos e referências é fundamental, mas sobretudo a rede que o sustenta. Um blog poderia vir a inscrever as falas decisivas dessa rede, o que destaca como a função de editor é fundamental nessa articulação. Ela realiza a passagem da fala à escrita. É ele que define inquérito será registrado, depositado e veiculado.

3.

Este pode ser um esboço de resposta à questão da articulação entre o espaço internacional e o nacional. Espero que possamos ser uma rede de fóruns permanentes em articulação com uma rede de escrita.

O livro do autismo deve ser um marco neste trabalho. É um excelente instrumento, pronto e acessível graças à nossa Diretoria. Espero que o Conselho possa trabalhar na mais estreita relação com a Diretoria neste e em muitas outras frentes. no entanto, a publicação em papel é essencial, mas não apenas. Há também o blog. Proponho que este espaço se desenvolva em três frentes principais: toxicomania, autismo e segregação.

De fato, não apenas o autismo e a toxicomania, mas, no plano da cultura, esbarramos a torto e direito na loucura do politicamente correto como ponta de lança de um processo densegregação generalizada que é igualmente incompatível com a psicanálise

4.

Finalmente, o Conselho decidiu definir para nosso próximo Congresso a exploração clínica do Seminário " ... Ou pior", o de Um-dividualismo moderno. Ele é muito "matemático", mas nos apresenta, por isso mesmo ao traçado das fórmulas da sexuação. Em sua forma nascente, elas nos permitem interrogar, dada a castração como forma mais básica e imediata do laço, como seria estar no laço social a partir de uma situação de contingência. Como seria estar na castração na contingência, que é como Lacan define, neste seminário, ordinando? Haveria outra maneira? Neste seminário, Lacan se solta da psicose e freqüenta o feminino para buscar menos as místicas e mais a escrita, o Um da letra, recentemente destacado por Miller em seu último Curso.

Pernambuco, nossa mais nova seção, nos aguarda. Depois de efetuarmos uma primeira leitura destes temas a partir do curso de Miller nos seminários de orientação lacaniana, de nos perguntarmos sobre as figuras do feminino no Encontro Brasileiro, retomaremos o mote deste seminário, o "Ha-um" da letra nesta perspectiva, nos perguntando de que modo ela interroga o lugar da psicanálise hoje na cultura.

\*\*\*

Agradeço a confiança de todos, agradeço muito especialmente a Beneti e a Ana Lydia, os presidentes com quem trabalhamos nestes dois anos. Espero estar à altura deles, assim como a dos anteriores, pois tenho a impressão de que cada um encontrou uma maneira de dar o empurrãozinho necessário a nosso movimento de Escola. É o que tentarei. Quero agradecer também aos queridos colegas que saem do Conselho: Vera, Sonia, Oscar e aos que ficam: Simone, Marcelo, Romulo, Fátima, Luiz Fernando, Rosane, Ram e Sergio.

Obrigado,

Marcus André Vieira  
Buenos Aires, abril de 2012.